



Pé no chão. Aquarela de Debret mostra a ponte de Santa Ifigênia, em São Paulo, em 1827; sinhôs e sinhás saíam mais para ir à missa

MEDO DA RUA

Ela já foi via de gente escrava, de festas públicas, de visitas 'a pagar', de dândis a se exibir. De onde o brasileiro tirou que rua é lugar de perigo?

Fraya Frehse

Pesquisa recente da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico sobre o bem-estar em seus 34 países-membros, e também na Rússia e no Brasil, traz um dado preocupante para aqueles que, talvez como o leitor e de certa forma eu, gostam de flanar a pé por ruas, ladeiras, praças e parques públicos de nosso país. Segundo a OECD, em 2014 apenas 35% da população brasileira se sentia segura ao andar à noite na cidade ou na área em que vive. Somos bem menos numerosos que os mais de 85% de destemidos noruegueses e 85% de espanhóis, e mais rarefeitos também que os 50 a 55% de mexicanos e chilenos incor-

porados à investigação. Mais próximos de nós, só aproximadamente 48% dos húngaros.

Como o dado integra, afora latrocínios e ataques físicos "autorrelatados" (indicadores utilizados pela organização para medir a "segurança pessoal" das populações), é quase inevitável colocar em xeque o próprio gosto por andar pela cidade. O prazer resiste ao medo? Como a vida cotidiana em nossas maiores urbes transcorre sob o temor de assaltos, roubos e assassinatos reais ou imaginários, dado da OECD parece autoevidente. É tentador menear com a cabeça e suspirar em tom de lamento: "coisas da violência no Brasil..."

Mas nada é tão simples, ensinam a sociologia, a antropologia e a história. Que pluralidade humana

e espacial se esconde por detrás da porcentagem brasileira, da cidade e da "área em que você vive"? São referências decisivas num mundo urbano como o brasileiro, social, cultural e demograficamente tão diversificado e desigual. E não somente no Brasil de 2014. De acordo com a socióloga alemã Renate Ruhne, no seu livro *Macht Raum Geschlecht* ("Espaço-Poder-Gênero", em tradução livre), de 2003, mulheres se sentem bem mais inseguras que homens nos espaços públicos urbanos alemães – a despeito do investimento sistemático que o poder público desde os anos 1980 vem fazendo em iluminação pública, lugares exclusivos de estacionamento e no incentivo ao uso misto de ruas, passarelas, estações de metrô, parques, etc., para não falar de descontos em táxis noturnos. Tudo isso na mesma Alemanha que comparece com quase 80% de "sentimentos de segurança" na OECD.

Apesar da fragilidade metodológica, o dado trazido pela organização instiga à reflexão sobre como os brasileiros sentem ruas, praças, parques de acesso legal irrestrito. Ora, a associação entre insegurança e espaço público é conceção recente, no Brasil urbano. Ao menos em alguns jornais paulistanos, a imagem da rua como lugar de perigo em função da violência só ganha vigor nos anos 1980.

De fato, até no mínimo o final da escravidão africana (1888), andar por São Paulo com regularidade era atributo quase exclusivo de gente escrava, liberta ou livre envolvida nos ócios e negócios do trabalho braçal que sustentava as casas senhoriais. Já entre sinhás e sinhôs, o ritmo era o da excepcionalidade ou periodicidade das missas e festas públicas, das visitas "a pagar" ou do teatro de ópera e, no caso de rapazes, da botica e da Academia de Direito. Sinônimos de rua era discrição, no caso das mulheres de prol; bravata, no caso dos homens "de qualidade". Lugar de insegurança? Os documentos silenciam.

22
OUTUBRO

Defensores dos direitos de pedestres se reuniram com o secretário de Transportes de São Paulo, Jilmar Tato, para discutir a criação de um grupo temático sobre a mobilidade a pé na cidade. Há hoje quatro grupos, nenhum voltado a pedestres.

São os ventos da modernidade oitocentista que trazem a valorização da rua como lugar onde supostamente todos queriam estar. Dentre os seus porta-vozes, o dândi e o flâneur da literatura europeia. Difícil fazer senhoras e senhoritas paulistanas de elite gostarem de andar por ali, sobretudo a pé; e o transeunte, personagem novo na cidade, só se queixa, nos jornais, do "estado" das ruas.

A luz dessas referências, a imagem da rua perigosa evidencia sua parca idade. É seu poder. Ela hoje domina o nosso imaginário, não importa a classe, o credo, a idade ou o gênero. Prensados por um fogo cruzado entre cidades que se expandem demograficamente multiplicando pobreza e desigualdade e uma mídia que difunde estatísticas insufladoras de angústia e pavor, é tentador para os brasileiros "de cidade" – como escreveu Gilberto Freyre – sentirnos que a rua é e sempre foi lugar a ser evitado pela insegurança. E a vivermos esse espaço assim.

Como mudar isso? talvez pergunte o leitor que abriga em si um flâneur. Depois de tanta história, sociedade e cultura, nada de engrossar o coro da segurança pública e da infraestrutura urbana. A insegurança das mulheres nas ruas alemãs mostra que proteção não é sinônimo de desembarque. Como, ao ser encarado, o fantasma se mostra sempre menor do que imaginado, nada melhor que se lança ruas e praças e, por meio da regularidade do uso, familiarizar-se com a experiência única da convivência com a diferença que só a rua, mais que qualquer outro espaço no Brasil, tem a nos oferecer.

FRAYA FREHSE É PROFESSORA DE SOCIOLOGIA DA USP E AUTORA DE *Ó DA RUA! O TRANSEUNTE E O ADVENTO DA MODERNIDADE EM SÃO PAULO* (EDUSP)

Sérgio Augusto

Temporada de eleições no continente. Neste fim de semana, argentinos e guatemaltecos estão indo às urnas para escolher um novo chefe de governo. Na última segunda-feira, os canadenses confirmaram seu novo primeiro-ministro, Justin Trudeau, a ser empossado em 4 de novembro. Na Argentina, o favorito à presidência da República, o ex-vice de Néstor Kirchner, Daniel Scioli, ainda terá pela frente um segundo turno. O guatemalteco Jimmy Morales já passou pelo primeiro turno, sete semanas atrás, e deve confirmar hoje seu favoritismo sobre a ex-primeira-dama Sandra Torres.

Considerando-se que na Argentina nada se decide hoje e que o potencial vencedor do segundo turno será o candidato situacionista, concentremos nossa atenção nas reais novidades. Além de mais jovens, Trudeau (43 anos) e Morales (46) ganham de goleada de Scioli (58) nos quesitos biografia e carisma.

Herdeiro mais velho de Pierre Trudeau (duas vezes premiado pelo Canadá entre 1968 e 1984), o liberal Justin derrotou o conservador Stephen Harper, no poder havia nove anos e em incontroável decadência política. Um fiasco na questão ambiental e na gestão econômica, Harper estreou-se de vez no incorporar a islamofobia ao seu discurso eleitoral. Seu sucessor empolgou os canadenses, sobretudo os mais jovens, pois, além de bonitão e articulado, fecha incondicionalmente com os ambientalistas (chefiará a delegação do país à cimeira sobre o clima em Paris), apoia o aborto, a descri-

minalização das drogas, e já comunicou a Obama que trará de volta os pilotos canadenses que ajudam a combater o Estado Islâmico na Síria, pois prefere apoiar (e treinar) as forças rebeldes sírias em terra.

Justin é bem o filho de sua mãe, a bela Margaret Trudeau, a primeira primeira-dama hippie da história, espécie de Leila Diniz de Ottawa, cuja ligação com Andy Warhol e os Rolling Stones transformou-a em modelo de mulher avançada, alheia a protocolos e até a hábitos convencionais como usar calcinha em público. Hoje uma senhora independente de 65 anos, com quatro livros publicados, foi quem fez de Justin um feminista declarado. Margaret ainda puxa um fuminho de vez em quando e nunca se arrependeu das estripulias que tanto imantavam as lentes dos paparazzi de quatro décadas atrás.

Se eleito, o guatemalteco Jimmy Morales entrará para o *Guinness* como o primeiro ator a chegar à presidência da República depois de ter exercido esse cargo na tela. Ronald Reagan saiu da tela para a governança da Califórnia e, em seguida, para a Casa Branca, mas nunca encarnara diante das câmeras a figura de um presidente. Há tempos, numa comédia para a TV, Morales viveu um camponês que chegava acidentalmente ao mais alto cargo executivo da Guatemala.

É sempre bem-vindo, porque raro na Guatemala, um presidente civil, eleito democraticamente. O anterior, Otto Pérez Molina, também foi esco-

20
OUTUBRO

O novo primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, comunica a Barack Obama que, mantendo sua promessa eleitoral, vai retirar o país da coalizão que luta contra o Estado Islâmico.

lido pelas urnas, mas, além de militar (da reserva), renunciou ao cargo no mês passado, em meio a um escândalo de corrupção, seguindo o exemplo da vice-presidente Roxana Baldetti, renunciante em maio e presa em agosto, após cinco meses de contínuas pressões populares lideradas pelos caras pintados (de azul e branco) locais. Molina e seus apaniguados enriqueceram com um esquema de fraudes fiscais montado na alfândega do país, um caudaloso propinoduto aduaneiro.

A Guatemala é um dos países mais corruptos, socialmente desiguais e violentos do mundo. "Aqui a corrupção não é sistemática, ela é o próprio sistema", disse-me há tempos um amigo guatemalteco, que, no entanto, persiste em viver lá. É um dos lugares mais bonitos que já visitei, atraído menos pelas maravilhas descritas por Gore Vidal e Anaïs Nin, que dividiram um teto na colonial Antigua, no final dos anos 1940, do que por meu fascínio pela civilização maia. Nada no gênero se compara às ruínas de Tikal, no meio da selva, ao vulcânico lago Atitlán, às cores da feira de Chichicastenango. As oligarquias e as grandes corporações alimentícias americanas, de conluio com a CIA e os milicos nativos, estragaram tudo.

Tantos e seguidos golpes militares sacudiram o país a partir da derrocada de Jacobo Arbenz Guz-

mán, em 1954, por pressão da United Fruit, contrária à branda reforma agrária programada por Guzmán, que a Guatemala virou chacota no satírico telejornal que Chevy Chase ancorava na primeira fase do programa de TV *Saturday Night Live*, com notícias como esta: "Um terremoto varreu hoje a Guatemala, matando 250 ditadores militares".

Hipérbole à parte, golpista fardado é uma instituição nacional. Em 1982, o general Efraim Rios Montt derrubou o milico latifundiário Romeo Lucas García e instaurou a mais sanguinária ditadura da história do país. Tratado a papinha pelo governo Reagan, Montt mudou de estratégia: trocou a violência urbana por atrocidades no campo, dizimando e sumindo com cerca de 200 mil indígenas, por considerá-los "inherentemente subversivos", agentes do comunismo internacional.

A brutal guerra civil por ele radicalizada só terminou em 1996, com um acordo de paz. Acusado de genocídio por uma comissão especial da ONU, Montt foi condenado, em 2013, a 80 anos de prisão, da qual afinal escapou por causa da idade avançada, da saúde debilitada e da leniência da Corte Constitucional da Guatemala.

Morales prometeu combater sem trégua a corrupção.

Muitos, porém, já o tacharam de continista, de pau-mandado das forças que alimentam e garnecem a ladraagem. A Frente de Convergência Nacional, pela qual se candidatou, foi fundada em 2004 por militares da reserva ligados à Associação de Veteranos Militares da Guatemala, onde encontraram refúgio os oficiais da inteligência atuantes durante a guerra civil. Os caras pintados não devem ter guardado suas latas de tinta.

Trudeau, o bonitão.
Ganhou os jovens com apoio ao aborto e à descriminação das drogas

lado pelas urnas, mas, além de militar (da reserva), renunciou ao cargo no mês passado, em meio a um escândalo de corrupção, seguindo o exemplo da vice-presidente Roxana Baldetti, renunciante em maio e presa em agosto, após cinco meses de contínuas pressões populares lideradas pelos caras pintados (de azul e branco) locais. Molina e seus apaniguados enriqueceram com um esquema de fraudes fiscais montado na alfândega do país, um caudaloso propinoduto aduaneiro.

A Guatemala é um dos países mais corruptos, socialmente desiguais e violentos do mundo. "Aqui a corrupção não é sistemática, ela é o próprio sistema", disse-me há tempos um amigo guatemalteco, que, no entanto, persiste em viver lá. É um dos lugares mais bonitos que já visitei, atraído menos pelas maravilhas descritas por Gore Vidal e Anaïs Nin, que dividiram um teto na colonial Antigua, no final dos anos 1940, do que por meu fascínio pela civilização maia. Nada no gênero se compara às ruínas de Tikal, no meio da selva, ao vulcânico lago Atitlán, às cores da feira de Chichicastenango. As oligarquias e as grandes corporações alimentícias americanas, de conluio com a CIA e os milicos nativos, estragaram tudo.

Tantos e seguidos golpes militares sacudiram o país a partir da derrocada de Jacobo Arbenz Guz-

CARAS&BOCAS

"Sentia falta do lance de trabalhar e ser respeitado como ser humano"

MC GUIMÉ, funkeiro nascido em Osasco, na Grande São Paulo, explicando o lado bom da fama

"A responsabilidade pelo Holocausto é da Alemanha"

ANGELA MERKEL, premiê alemã, rebatendo o colega israelense Bibi Netanyahu, que disse que o extermínio de judeus foi sugestão de um líder palestino a Hitler

"Se você se deixa levar pelo público, você não passa de um fantoche"

MORRISSEY, músico inglês, dizendo que existe um limite para atender aos pedidos dos fãs, que preferem que ele só cante músicas antigas

Morales, o ator.
Interpretou presidente na TV e deve se tornar um de verdade

"Não dá pra atravessar o lamaçal sem se sujar de lama"

NILSON LEITÃO, vice-líder do PSDB, justificando a tática do partido de não atacar Eduardo Cunha. "É uma aliança para o impeachment", acrescentou